

O Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil e os novos rumos da comunicação católica brasileira¹

Ricardo Costa Alvarenga²

RESUMO

No artigo, apresentamos os novos rumos do relacionamento entre Igreja Católica e Comunicação, demarcados pela publicação do Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil. Inicialmente, fizemos um resgate histórico dessa relação, como base para a análise do processo de construção desse novo documento, que surgiu como consequência de anos de reflexão e atuação da Igreja nos meios de comunicação. Com o intuito de compreendermos objetivos e contradições desse processo, entrevistamos agentes que participaram da construção do diretório. O Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil configura-se como grande e importante passo para o desenvolvimento das ações de comunicação na Igreja, vez que sugere inovações significativas para ampliar e tornar mais qualitativa a comunicação da Igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja Católica; Comunicação; Políticas de Comunicação; Diretório de Comunicação.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo investiga o processo de construção do Diretório de Comunicação da Igreja Católica no Brasil e as inovações que o Diretório traz para a comunicação católica brasileira. Buscamos explicar o processo de construção desse documento, que posiciona a Igreja no Brasil como a segunda no mundo a ter uma referência desse peso e importância. A primeira foi a da Itália.

Para tanto buscamos inicialmente compreender o relacionamento entre Igreja e Comunicação, demarcado pela publicação de documentos oficiais da Igreja. Segundo Melo (2005, p.38), “uma análise comparativa dos textos oferece uma compreensão da trajetória percorrida pela doutrina católica em face da tecnologia da difusão coletiva e que pode ser catalogada sistematicamente em quatro grandes fases”. Essas fases apontadas por Melo (2005) são: a censura e repressão; a aceitação desconfiada; o deslumbramento ingênuo; e a avaliação crítica.

¹ Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em São Paulo, SP, 27/8/2015.

² Mestrando em Comunicação Social pelo programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista Capes, email: ricardocalvarenga@gmail.com.

Em nossa pesquisa consideramos as três primeiras fases de Marques de Melo e acrescentamos uma quarta fase, proposta por Puntel (2010, p. 236), refere-se ao momento atual do relacionamento Igreja e Comunicação. “Vivemos uma ‘encruzilhada’ de desafios da cultura midiática, pois a comunicação se apresenta progressivamente como *elemento articulador da sociedade*”.

A trajetória do relacionamento entre Igreja e Comunicação começou bem antes do lançamento do Decreto Conciliar *Inter Mirifica*, primeiro documento de maior expressão a abordar o assunto. Anteriormente, a Igreja já havia se posicionado por meio de encíclicas e declarações, que, entretanto, são documentos oficiais³ de menor peso, conforme quadro abaixo:

FASES	DOCUMENTOS
1 ^a) Censura e Repressão	- <i>Inter Multiplices</i> (1487) - Papa Inocêncio VIII - <i>Christianae reipublicae</i> (1766) - Papa Clemente XIII
2 ^a) Aceitação Desconfiada	- Leão XIII ⁴ - <i>Vigilante Cure</i> (1936) – Papa Pio XI - <i>Miranda Prorsus</i> (1957) – Papa Pio XII - <i>Inter Mirifica</i> (1963) – Papa Paulo VI
3 ^a) Deslumbramento Ingênuo ⁵	- <i>Comunio et Progressio</i> (1971) – Pontifícia Comissão para os Meios de Comunicação Social

³Os documentos da Igreja apresentam-se com diferentes nomes, de acordo com seus propósitos. Por exemplo, “encíclica” é uma carta do papa dirigida a todas as comunidades de fiéis. Os “decretos” são documentos de significado prático, expondo disposições disciplinares. Diferem das “constituições”, que apresentam visões teológicas abrangentes, com verdades doutrinárias. “Declarações” são definições de princípios particulares.

⁴ MELO (2005) e PUNTEL (2012) apresentam o papa Leão XIII como marco para o início da segunda fase, mas sem citar o documento no qual ele teria se posicionado sobre os meios de comunicação.

⁵ Melo (2005) aponta o documento *Medellin* (1968) como parte dessa fase, mas optamos por abordar essa publicação no capítulo 02, no qual apresentaremos os documentos da Igreja sobre comunicação na América Latina e no Brasil. Neste ponto da nossa pesquisa, escolhemos tratar somente dos escritos provenientes da Santa Sé (Vaticano).

4 ^a) Avaliação Crítica ⁶	- <i>Documento de Puebla</i> (1979) – Conferência do Episcopado Latino-Americano
5 ^a) Reviravolta ⁷	- <i>Redemptoris missio</i> (1990) – Papa João Paulo II - <i>Aetatis Novae</i> (1992) – Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais - <i>Igreja e Internet</i> (2002) – Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais

Tabela 1: Fases do relacionamento Igreja e Comunicação

Essas são as cinco fases do relacionamento entre Igreja Católica e Comunicação. Tendo em vista que a quinta fase proposta por Puntel (2008) se refere ao momento atual do relacionamento Igreja e Comunicação. Acreditamos que nosso objeto de pesquisa, o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, surgiu como consequência dessa nova fase.

O lançamento desse documento representa um marco na história da interface Igreja e Comunicação no país, dada a relevância de tal documento para a maior abertura da comunicação na Igreja Católica no Brasil e da crescente influência dos meios de comunicação na sociedade, daí a importância de pesquisar o assunto.

Nosso principal objetivo de pesquisa foi justamente investigar o processo de construção do Diretório, buscando compreender quais as inovações que ele traz para a comunicação católica brasileira.

2. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO DIRETÓRIO DE COMUNICAÇÃO

⁶ Diferente das três primeiras fases, Melo (2005) e Puntel (2008) tomam como referência, para demarcar a quarta fase, um documento da Igreja da América Latina.

⁷ A Igreja publicou outros documentos sobre os Meios de Comunicação, após o Concílio Vaticano II. Porém, para significar a quinta fase do relacionamento Igreja e Comunicação consideramos apenas esse textos.

O Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, aprovado pelo Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 14 de março de 2014 e publicado em maio do mesmo ano aponta novos rumos para os processos comunicacionais da Igreja Católica no país.

Esse documento destina-se não só aos membros da Pastoral da Comunicação, mas a todos os responsáveis “pela condução das práticas de comunicação nos diferentes âmbitos da vida eclesial e nas relações da Igreja com a sociedade”⁸. O diretório surgiu para “pautar a comunicação da Igreja, gerando um formato de reflexões e indicações de ações”⁹.

O Diretório de Comunicação representa as Políticas de Comunicação da Igreja Católica no Brasil. “É neste contexto que justifica a produção de um Diretório de Comunicação, sintetizando um processo de comunicação e projetando o presente e o futuro comunicativo da Igreja em diálogo com os demais segmentos sociais”¹⁰.

Assim procuramos entender como se deu a articulação para a produção do deste importante documento para a Igreja no Brasil. Com o intuito de organizar de maneira mais didática, propomos a delimitação desse processo de construção em fases.

2.1 Fases do processo de construção do Diretório de Comunicação

O processo de construção do Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil é bastante complexo, dada à quantidade de tempo que o documento levou para ser construído e as muitas transições na equipe e na orientação de sua produção. Analisando as respostas dos membros da Equipe que produziu o diretório e relatos de pessoas envolvidas ao longo do processo, constatamos que existe um impasse com relação ao momento em que surgiu a ideia de fazer um diretório de comunicação para a Igreja no Brasil. A Ir. Maria da Glória Bordeghini afirma que, já no final dos anos 70 e começo dos anos 80, o setor pensou pela primeira vez em fazer um diretório.

⁸ Entrevista com assessora de Comunicação da CNBB, Ir. Elide Maria Fogolari, concedida em 21 de maio de 2014.

⁹ Entrevista com assessora de Comunicação da CNBB, Ir. Elide Maria Fogolari, concedida em 21 de maio de 2014.

¹⁰ Entrevista com assessora de Comunicação da CNBB, Ir. Elide Maria Fogolari, concedida em 21 de maio de 2014.

Uma matéria veiculada no site institucional da CNBB informa que o processo de construção do Diretório demorou 13 anos. Teria começado, portanto, em 2001. Outra informação que diverge é a afirmação de Dom Orani João Tempeste, Arcebispo do Rio de Janeiro: “Eu propus fazer um diretório e iniciamos o trabalho, que levou muitos anos, porque foi feito a muitas mãos, com muitas versões, enriquecido pouco a pouco”¹¹.

Neste trabalho, tentamos organizar essa trajetória e propomos a criação e a classificação do processo de produção do diretório em nove fases, conforme as tabelas a seguir:

Tabela 2: 1º Fase - Pensamento embrionário do Diretório

1ª FASE – PENSAMENTO EMBRIONÁRIO SOBRE DIRETÓRIO			
ANO	LOCAL	COORDENAÇÃO	SITUAÇÃO
1979 ¹²	Brasília, Distrito Federal.	Dom Eduardo Koaik, bispo de Piracicaba; Ir. Maria da Glória Bordeghini, Assessora de Comunicação da CNBB ¹³ .	Com a formação da Equipe de Reflexão do Setor de Comunicação, Dom Eduardo e Ir. Maria da Glória começam a pensar, de forma embrionária, na possibilidade de produção de um Diretório de Comunicação, a partir da Equipe de Reflexão ¹⁴ .

Com a análise comparativa dos anos, verificamos que esse “pensamento embrionário” do diretório, que aconteceu no final dos anos 70, não é considerado na contagem feita pela matéria do site institucional da CNBB, que menciona apenas “13 anos de pesquisas, análises e práticas de comunicação vivenciadas nas dioceses, paróquias e comunidades” (CNBB, 2014)¹⁵.

No entanto, nas suas considerações sobre as atividades desenvolvidas pela Equipe de Reflexão do Setor de Comunicação, a Ir. Maria da Glória Bordeghini destaca:

¹¹ Entrevista com o Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Dom Orani João Tempeste concedida em 30 de abril de 2014.

¹² Informação obtida em e-mail trocado entre Ir. Maria da Glória Bordeghini e Ir. Élide Maria Fogolari, em agosto de 2008.

¹³ Ir. Maria da Glória Bordeghini esteve à frente do Setor de Comunicação da CNBB de 1978 a 1985, informação também obtida no e-mail trocado entre ela e a Ir. Élide Maria Fogolari, em agosto de 2008.

¹⁴ Informação obtida em e-mail trocado entre Ir. Maria da Glória Bordeghini e Ir. Élide Maria Fogolari, em agosto de 2008.

¹⁵ Matéria publicada no site da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no dia 14 de março de 2014.

“Outra atividade, logo no princípio, foi pensar um Diretório de Comunicação”¹⁶. Neste trabalho, consideramos esse pensamento sobre o diretório como a primeira fase de produção, reconhecendo essa como a primeira iniciativa sobre o assunto que se tem conhecimento e registro.

Tabela 3: 2ª Fase - Retomada do pensamento sobre Diretório

2ª FASE – RETOMADA DO PENSAMENTO SOBRE DIRETÓRIO					
ANO	LOCAL		COORDENAÇÃO		SITUAÇÃO
2002 ¹⁷	Brasília, Federal.	Distrito	Dom Décio Sossai Zandonade Maria de Lurdes Nunes ¹⁸		Nesse momento, por iniciativa de Dom Décio Zandonade, o Setor de Comunicação começa a repensar a possibilidade de produção de um Diretório de Comunicação para a Igreja no Brasil, com o apoio da Equipe de Reflexão da CNBB.

Tabela 4: 3ª Fase - Início das articulações para a produção do Diretório

3ª FASE – INÍCIO DAS ARTICULAÇÕES PARA A PRODUÇÃO DO DIRETÓRIO						
ANO	LOCAL		COORDENAÇÃO		EQUIPE	SITUAÇÃO
2007	Brasília, Federal.	Distrito	Dom Orani João Tempesta Ir. Élie Maria Fogolari	João Maria	Ir. Joana Puntel Ir. Helena Corazza Ir. Maria Alba Veiga Ir. Vera Maria Bombonato Pe. Manoel Filho Prof. Ismar de Oliveira Soares Prof. Mauro Wilton de Sousa	Ir. Élide assume a assessoria do Setor de Comunicação Social da CNBB, em 2007, e com orientação de Dom Orani João Tempesta, então Arcebispo de Belém do Pará. Com isso, foram iniciadas as articulações para a produção do Diretório de Comunicação. É instituída a primeira equipe responsável pela elaboração do diretório.

Essa terceira fase ficou marcada por dúvidas, questionamentos, inquietações e indagações sobre como aconteceria o processo de produção. Segundo a Ata da Reunião da Equipe de Reflexão da CNBB, datada de 24 de setembro de 2007, essa foi à primeira vez que a equipe teve acesso a um documento semelhante ao que estava sendo pensando. A Ir. Elide Maria Fogolari fez uma apresentação na reunião sobre o Diretório

¹⁶ Informação obtida em e-mail trocado entre Ir. Maria da Glória Bordeghini e Ir. Élide Maria Fogolari, em agosto de 2008.

¹⁷ Informação com assessora de Comunicação da CNBB, Ir. Elide Maria Fogolari, concedida em 21 de maio de 2014.

¹⁸ Informação com assessora de Comunicação da CNBB, Ir. Elide Maria Fogolari, concedida em 21 de maio de 2014.

de Comunicação da Igreja na Itália. Em seguida, foi constituída a primeira equipe responsável pela elaboração do diretório¹⁹.

Tabela 5: 4ª Fase - Orientação pelo Diretório de Comunicação Italiano

4ª FASE – ORIENTAÇÃO PELO DIRETÓRIO DE COMUNICAÇÃO ITALIANO				
ANO	LOCAL	COORDENAÇÃO	EQUIPE	SITUAÇÃO
2009	Brasília, Distrito Federal.	Dom Orani João Tempesta Ir. Élide Maria Fogolari	Prof. Mozhair Salomão Miguel Pereira Aroldo Braga Irmão Lauro Ir. Ivonete Ir. Helena Corazza Pe. André Pe. Marcelino Pe. Leandro Pe. Gildásio Pe. Cildo Pe. Geraldo Martins Pe. Agnaldo Pe. Manoel Quintas	Em virtude das diversas atribuições extras dos membros do Grupo de Reflexão e Produção do Diretório e também das dificuldades para definir o formato, Dom Orani João Tempesta, então Arcebispo de Belém, solicitou à assessora do Setor de Comunicação que providenciasse a tradução do Diretório de Comunicação Italiano, para orientar e nortear a produção do documento brasileiro. O Grupo de Reflexão, neste período, passou a ser grupo de Redação do Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil.

O grupo estava encontrando dificuldades para a redação do Diretório. Aconteceram muitos ensaios de estrutura do texto, mas nenhuma era aceita. Parecia que não respondia às necessidades reais de comunicação da Igreja no Brasil. Para isto aconteceram muitas reuniões, encontros para uma possível redação do Diretório de Comunicação (ENTREVISTA)²⁰.

Dom Orani solicitou, então, à Ir. Élide que encaminhasse o Diretório Italiano para a tradução. Isso aconteceu em agosto de 2009. Dom Orani pediu, ainda, que o grupo trabalhasse o texto do diretório Italiano, adaptando-o à realidade da Igreja no Brasil.

Dessa vez, a definição à época de Dom Orani, que respondia pela comunicação da CNBB, foi de que partíssemos do diretório italiano. Feita a tradução, começamos então a lê-lo e a discutir o que devia ficar, ser alterado ou excluído. Foi um trabalho pesado e que demandou muitos encontros (ENTREVISTA)²¹.

¹⁹ Informações obtidas na Ata da reunião da Equipe de Reflexão, em setembro de 2007.

²⁰ Entrevista com assessora de Comunicação da CNBB, Ir. Élide Maria Fogolari, concedida em 21 de maio de 2014.

²¹ Entrevista com Professor Mozahir Salomão Bruck, concedida em 28 de abril de 2014.

Tabela 6: 5ª Fase - Redefinição da produção do Diretório

5ª FASE – REDEFINIÇÃO NA PRODUÇÃO DO DIRETÓRIO				
ANO	LOCAL	COORDENAÇÃO	EQUIPE	SITUAÇÃO
2010	Brasília, Distrito Federal.	Dom Orani João Tempesta Ir. Élie Maria Folgolari	Dom Orani João Tempesta Ir. Élide Maria Folgolari Ir. Joana Puntel Prof. Ismar de Oliveira Pe. Manoel Quinta Prof. Dr. Mozahir Salomão	O trabalho de produção do Diretório foi redefinido. O grupo passou a se reunir mais frequentemente, mantendo um ritmo de apresentação das contribuições, revisões, acréscimos, ementas e debates em torno do que era produzido.

Mais uma vez, a equipe passa por mudanças, na quantidade e nos nomes dos membros. Dessa vez, foi preciso diminuir o número de participantes, para que a produção pudesse fluir com mais rapidez. Dessa forma era mais fácil reunir o grupo. “Em 2010, o grupo foi redefinido para dar continuidade na elaboração do Diretório, com reuniões periódicas, mantendo um ritmo de revisão, debates, acréscimos e emendas ao texto”²².

A equipe produziu de forma sistemática e, por isso, ainda no mesmo ano, conseguiu apresentar ao Conselho Permanente da CNBB a primeira versão do que seria o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil. O conselho deveria, em seguida, encaminhar o documento para aprovação na Assembleia Geral dos Bispos de 2011.

Tabela 7: 6ª Fase - Primeira versão do Diretório

6ª FASE – PRIMEIRA VERSÃO DO DIRETÓRIO				
ANO	LOCAL	COORDENAÇÃO	EQUIPE	SITUAÇÃO
2011	Brasília, Distrito Federal.	Dom Orani João Tempesta Ir. Élie Maria Folgolari	Dom Orani João Tempesta Ir. Élide Maria Folgolari Ir. Joana Puntel Prof. Ismar de Oliveira Pe. Manoel Quinta Prof. Dr. Mozahir Salomão	A primeira versão do Diretório de Comunicação foi apresentada ao Conselho Permanente de CNBB, para ser encaminhado para a Assembleia de 2011. Como na próxima Assembleia já estavam encaminhados dois textos para serem aprovados, os bispos do Conselho Permanente solicitaram que fosse publicado como documento de estudo. O texto entrou, então, na coleção Estudos da

²² Entrevista com assessora de Comunicação da CNBB, Ir. Elide Maria Fogolari, concedida em 21 de maio de 2014.

				CNBB com o número 101. Sua publicação aconteceu em 24 de janeiro de 2011, intitulada “A Comunicação na vida e missão da Igreja no Brasil”.
--	--	--	--	--

O Conselho Permanente da CNBB, no entanto, decidiu que o documento fosse publicado na coleção de Estudos da conferência. Isso demonstra que o documento ainda não contemplava, totalmente, as expectativas da conferência. Porém, as expectativas eram que, em breve, o documento sofresse emendas e modificações, para configurar o Diretório de Comunicação.

A expectativa de Dom Orani não se concretizou. Seu período à frente da comissão chegou ao final e Dom Dimas Lara Barbosa, Arcebispo de Campo Grande, assumiu como novo Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação. Com a chegada de Dom Dimas, o processo de produção do diretório foi retomado e uma nova equipe foi constituída pela presidência da CNBB. O grupo passou a ter 14 pessoas²³. “A Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação indicou nomes, entre bispos, professores, pesquisadores e profissionais da área e a Presidência da CNBB nomeou e convidou oficialmente cada pessoa para redigir o Diretório de comunicação”²⁴.

Tabela 8: 7ª Fase – Retomada da elaboração do Diretório

7ª FASE – RETOMADA DA ELABORAÇÃO DO DIRETÓRIO				
ANO	LOCAL	COORDENAÇÃO	EQUIPE	SITUAÇÃO
2011	Brasília, Distrito Federal.	Dom Dimas Lara Barbosa Ir. Élide Maria Folgolari	Dom Dimas Lara Barbosa, Arcebispo de Campo Grande Dom Luiz Mancilha Vilela Dom João Bosco Barbosa dos Santos Dom Antônio Wagner da Silva Ir. Élide Maria	Pós-lançamento do Estudo 101, que seria inicialmente o texto do Diretório. A Presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, juntamente com a Comissão para a Pastoral da Comunicação, nomeia uma Comissão Oficial para a elaboração do Diretório de

²³ Nomes obtidos através de pesquisa documental na carta da presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a assessora de Comunicação da CNBB, Ir. Elide Maria Fogolari, em 18 de novembro de 2011.

²⁴ Entrevista com assessora de Comunicação da CNBB, Ir. Elide Maria Fogolari, concedida em 21 de maio de 2014.

			Folgolari Prof. Dr. Elson Faxina Pe. Gildásio Mendes Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares Ir. Joana Terezinha Puntel Pe. Manoel Quinta - Prof. Maria da luz Fernandes Prof. Dr. Mozahir Salomão Ir. Helena Corazza Prof. Dr. Rosane Borges	Comunicação para a Igreja no Brasil. Por quase dois anos, esse grupo se reuniu e redigiu o texto, que foi enviado aos bispos de todo o Brasil para análise e sugestões.
--	--	--	---	---

A equipe reuniu-se durante todo o ano de 2012, e neste período produziu um novo texto para o diretório. Esse texto foi enviado aos bispos para possíveis ajustes e correções. A equipe voltou a se reunir no início de 2013, para analisar e fazer as devidas alterações com base nas contribuições recebidas, tanto dos bispos como de outros setores e pastorais da CNBB.

Durante a Assembleia Geral dos Bispos, o diretório foi apresentado, tanto impresso, quanto na plenária, oportunidade em que os bispos apresentaram novamente suas considerações. Porém, duas críticas foram feitas por quase toda a maioria dos bispos presentes: “1) a linguagem muito acadêmica e 2) um texto muito longo e, às vezes, repetitivo”²⁵. Houve grande esforço por parte dos membros da comissão que preparou o diretório para que as emendas e propostas fossem respondidas ainda na assembleia, como garantia de que o documento fosse votado e aprovado ainda naquela oportunidade.

A equipe trabalhou sobre o texto durante a própria Assembleia, retornando o texto aos bispos. A ideia era que o documento fosse votado na própria Assembleia. Como os problemas, na avaliação dos bispos, persistiam, e a pauta da Assembleia demandava outras urgências, foi aprovado que o documento seria votado, então, no Conselho Permanente de março de 2014²⁶.

Tabela 9: 8ª Fase – Finalização do Diretório

8ª FASE – FINALIZAÇÃO DO DIRETÓRIO				
ANO	LOCAL	COORDENAÇÃO	EQUIPE	SITUAÇÃO

²⁵ Entrevista com o Professor Moisés Sbardelotto, concedida em 22 de abril de 2014.

²⁶ Entrevista com o Professor Moisés Sbardelotto, concedida em 22 de abril de 2014.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

2013	Brasília, Distrito Federal.	Dom Dimas Lara Barbosa, Arcebispo de Campo Grande Ir. Élie Maria Folgolari	Dom Dimas Lara Barbosa Dom Antônio Wagner da Silva Ir. Élide Maria Folgolari Pe. Clóvis Andrade de Melo Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares Pe. Manoel Quinta Prof. Dr. Mozahir Salomão Prof. Moisés Sbardelotto	O texto do Diretório foi apresentado oficialmente na 51ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil, que aconteceu em Aparecida de 10 a 19 de abril 2013. Nesta ocasião, o texto recebeu novas considerações e não foi aprovado. Uma das propostas dos bispos era fazer um texto com linguagem direta e menos acadêmica. Para responder às solicitações de emendas propostas pelos Bispos na Assembleia, a Comissão para a elaboração do Diretório de Comunicação para a Igreja no Brasil foi reduzida e o grupo menor realizou as alterações e finalizou a redação do texto do diretório.
------	-----------------------------	---	--	---

O período que se estendeu entre a 51ª Assembleia dos Bispos do Brasil em Abril de 2013 e o Conselho Permanente da CNBB de Março de 2014 foi de muito trabalho, redação, pesquisa e encontros. “No último ano, o grupo foi reduzido e as reuniões aconteciam com maior frequência para facilitar a reflexão e redação do texto. Só assim foi possível responder às exigências solicitadas pelos bispos e comunidades em relação à prática e a teoria da comunicação da Igreja no Brasil”²⁷.

Finalmente, uma nova versão do texto foi enviada aos bispos membros do Conselho Permanente da CNBB, para a leitura antes da reunião. “Na reunião do Conselho Permanente, foram apresentadas todas as correções e ajustes. Assim, o texto foi posto à votação e finalmente aprovado por unanimidade”²⁸.

Tabela 10: 9ª Fase – Aprovação e publicação do Diretório

9ª FASE – APROVAÇÃO E PUBLICAÇÃO DO DIRETÓRIO				
ANO	LOCAL	COORDENAÇÃO	EQUIPE	SITUAÇÃO
2014	Brasília, Distrito Federal.	Dom Dimas Lara Barbosa Ir. Élie Maria Folgolari	Dom Dimas Lara Barbosa Dom Antônio Wagner da Silva Ir. Élide Maria	O texto do Diretório final do diretório foi apresentado ao Conselho Permanente da CNBB, que o aprovou no dia 13 de Março de 2014.

²⁷ Entrevista com assessora de Comunicação da CNBB, Ir. Elide Maria Folgolari, concedida em 21 de maio de 2014.

²⁸ Entrevista com o Professor Moisés Sbardelotto, concedida em 22 de abril de 2014.

			Folgorari Pe. Clóvis Andrade de Melo Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares Pe. Manoel Quinta Prof. Dr. Mozahir Salomão Prof. Moisés Sbardelotto	E posteriormente publicado pelas Edições CNBB e Edições Paulinas e esta a venda nas principais livrarias católicas do Brasil, desde o começo de maio de 2014.
--	--	--	---	---

Acreditamos que o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil passou por nove fases no seu processo de produção, do pensamento embrionário até a sua publicação.

2.2 Desafios da produção

A produção de um documento como esse não é fácil. Diversas questões foram encontradas como fatores que dificultaram e tornaram mais áspero o processo de construção do diretório. O uso do diretório italiano como modelo, a delimitação das práticas da Pastoral da Comunicação, os conceitos e posicionamentos sobre as novas tecnologias, o uso da ótica da comunicação midiática, a incompreensão dos bispos, a abordagem da comunicação digital, questões relacionadas à liturgia e a Teologia, a dinamicidade da comunicação e a perceptivas das políticas de comunicação são alguns dos itens que geraram contradições e dissensos, em certos momentos.

De todos os pontos conflituosos apresentados pelos membros da equipe de produção do diretório, dois chamam a atenção, por estarem presentes nas respostas de mais de um questionário: 1) a dinâmica da comunicação, destacada por Dom Orani: “São muitos desafios porque a comunicação é algo amplo e está sempre progredindo e o diretório é algo estável”²⁹ e 2) as políticas de comunicação, enfatizadas por Moisés Sbardelotto e Mozahir Bruck.

Dos aspectos apresentados como desafios pelos membros da equipe, destacamos outra discussão interessante: o uso do diretório italiano, que foi apontado pelo professor Mozahir Bruck como a primeira controvérsia da produção, um ponto conflituoso no processo de produção do documento.

²⁹ Entrevista com o Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Dom Orani João Tempeste concedida em 30 de abril de 2014.

A incompreensão no relacionamento entre os pesquisadores de comunicação e os bispos também foi apontado como uma questão de difícil equação na produção do diretório. “Um desafio foi o que os especialistas em comunicação propunham e os bispos nem sempre tinham a mesma compreensão”³⁰.

2.3 Construção Textual

Uma das inquietações que ficam após a publicação de um documento como esse é imaginar como foi feita a redação do texto. O processo de construção do diretório foi bem complexo em todos os seus aspectos. No quesito produção textual é quase unânime a resposta dos membros da equipe: a produção foi individual, de forma coletiva e por discussões em grupo. Na Ata da Equipe de Reflexão do Setor de Comunicação da CNBB de 2009, consta uma suposta divisão da produção de um dos capítulos, conforme se pode observar: “Redatores do capítulo 8: Helena, André, Marcelino, Cíto, Ivonete, Élide”³¹.

Segundo Rosane Borges³², o grupo era demandado a produzir individualmente e também coletivamente. “Fomos designados para produzir textos, tanto individual, quanto coletivamente. Cada equipe apresentava seus manuscritos, que eram submetidos a exame do grupo em sua totalidade”.

Para Mozahir Bruck³³, o processo foi de muito aprendizado para todos. “Fazíamos leituras coletivas, com o texto apresentado em Datashow e à medida que o líamos, íamos marcando para futuras ponderações e sugestões”. Bruck relembra, ainda, que depois dos capítulos prontos os textos eram divididos e, por afinidade com as temáticas, cada um relia o material e fazia suas observações. “Depois dessa fase coletiva, dividimos os capítulos por, digamos, "domínios" de conteúdo e cada um fez um pente fino no(s) seu(s) capítulo. Mas era um vai e vem inevitável. Queríamos muito um documento de muita qualidade e acho que conseguimos”³⁴.

³⁰ Entrevista com Ir. Helena Corazza concedida em 15 de abril de 2014.

³¹ Informação obtida através de pesquisa documental na Ata da reunião da equipe de reflexão de junho de 2009.

³² Entrevista com a Professora Rosane Borges, concedida em 07 de maio de 2014.

³³ Entrevista com Professor Mozahir Salomão Bruck, concedida em 28 de abril de 2014.

³⁴ Entrevista com Professor Mozahir Salomão Bruck, concedida em 28 de abril de 2014.

A redação final do documento, momento pós-Assembleia Geral dos Bispos, também aconteceu de forma coletiva. Com um grupo de apenas seis pessoas na redação, a produção textual do diretório ganhou mais fluidez. Apesar de algumas questões no texto terem sido resolvidas de forma individual, em sua maioria, a produção se deu de maneira coletiva, como descreve Moisés Sbardelotto:

A segunda versão, a partir da Assembleia, foi muito mais coletiva, embora algumas partes tenham sido reconstruídas pessoalmente por membros específicos da equipe. Mas era necessário dar uma linguagem mais uniforme a todo o texto, por isso era necessário um trabalho mais em equipe. Como o número de membros diminuiu, o trabalho ficou muito mais fluido e homogêneo³⁵.

Sbardelotto foi responsável pela uniformidade da linguagem usada no diretório. Ficou com ele, também, a responsabilidade de fazer a formatação e organização interna do texto, além das revisões de gramática e sintaxe. “Fiz revisões finais no texto, para lhe dar uma linguagem uniforme do início ao fim, formatando sua organização interna e também revisando erros de gramática e sintaxe”³⁶.

3. CONCLUSÃO

Como resultado de nossa pesquisa apontamos uma cronologia da construção desse documento, além de apresentar as principais discussões e tensões que aconteceram entorno da produção.

A produção desse documento foi marcada por vários momentos difíceis, demonstradas, inclusive, pela não aprovação inicial do texto, pelas várias revisões que precisou passar antes de se chegar à versão que foi publicada neste ano de 2014 e pela constante reconfiguração da equipe que elaborou o documento.

Em todo o processo de construção do Diretório de Comunicação, percebemos de maneira bem clara, a insistência e o posicionamento da Igreja Católica do Brasil sobre os meios de comunicação. É nítido o reconhecimento da instituição sobre o grande potencial das ferramentas comunicacionais e também a contribuição significativa que podem dar à evangelização.

³⁵ Entrevista com o Professor Moisés Sbardelotto, concedida em 22 de abril de 2014.

³⁶ Entrevista com o Professor Moisés Sbardelotto, concedida em 22 de abril de 2014.

Durante as análises consideramos que o Diretório aponta, essencialmente, para três novos rumos na comunicação católica brasileira, a disseminação da cultura de educação para os meios; o desenvolvimento da Pastoral da Comunicação; e a maior integração entre as iniciativas de comunicação da Igreja.

Dados esses novos rumos apontados pelo Diretório, compreendermos que este documento configura-se como o eixo que, futuramente, proporcionará a integração e interação entre as diversas iniciativas de comunicação da Igreja. O documento tem formato de uma autêntica política de comunicação, que pretende direcionar o trabalho de comunicação na Igreja de todo o Brasil.

REFERÊNCIAS

APROVADO Diretório de Comunicação para a Igreja no Brasil. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Disponível em <<<http://www.cnbb.org.br/eventos-1/muticom/13830-diretorio-de-comunicacao-e-aprovado-para-a-igreja-no-brasil>>>. Acesso em 25 de maio de 2014.

DIRETORIO DE COMUNICAÇÃO. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. In: **Documentos da CNBB**. São Paulo: Paulinas, 2014.

EQUIPE prepara texto base do Diretório de Comunicação da CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Disponível em <<<http://www.cnbb.org.br/comissoes-episcopais-1/comunicacao/11344-equipe-prepara-texto-base-do-diretorio-de-comunicacao-da-cnbb>>>. Acesso em 25 de maio de 2014.

LANÇADO documento de estudo “a comunicação na vida e na missão da igreja no Brasil”. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Disponível em <<http://www.cnbb.org.br/imprensa/noticias/5686-lancado-documento-de-estudo-a-comunicacao-na-vida-e-na-missao-da-igreja-no-brasil>>>. Acesso em 24 de maio de 2014.

MELO, José Marques. **Comunicação Eclesial: utopia e realidade**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PUNTEL, J. T. **Comunicação: diálogo dos saberes na cultura midiática**. São Paulo. Paulinas, 2010.